Interpretação dos Fatos Históricos *

INTRODUÇÃO

É tarefa das mais difíceis e completas a correta interpretação dos fatos históricos. Muitos fatores negativos podem influir aí: o desconhecimento dos fatos geográficos, a influência abusiva das paixões humanas e o despreparo de muitos que se abalançam a escrever trabalhos de História. Tais são as principais causas do errado conceito, que, geralmente, se faz dessa ciência, tida, muitas vezes sem base científica, oscilando sempre ao sabor das preferências de cada um.

Interpretar, segundo seu conceito etmológico, significa decidir, fixar, marcar, expor com precisão.

O grande humanista Erasmo de Roterdam propôs a escabrosa questão de definir, nos seguintes termos: "Que é definir? É encerrar a idéia de uma cousa em suas diversas partes. Que é dividir? É separar uma cousa em suas diversas partes."(1)

Os fatos históricos são de grande complexidade, porque representam a própria vida do indivíduo e das coletividades em um espaço geográfico, sofrendo a influência do meio físico e reagindo, incessantemente, sobre ele. Claro é que o avanço da tecnologia fez diminuir muito a ação da natureza sobre o homem. Mas não desapareceu e nem há de desaparecer essa influência. Ainda hoje há fenômenos nos quais a ação humana pouco ou nada pode como terremotos, vulcões, maremotos e outros em que a sua reação já se configura com mais nitidez como chuvas artificiais e combate aos efeitos das secas e das inundações.

---

* (Palestra proferida por Luiz Barros, na sede social do Instituto do Ceará, em Fortaleza-Ceará, no dia 06/10/86).

O historiador não pode prescindir de base científica. Para mim, a superioridade evidente de Euclides da Cunha sobre a maioria dos intelectuais do seu tempo e a sua valiosa contribuição para a renovação de nossa história, decorre de dois fatos fundamentais. Primeiramente, tinha ele base científica sólida, alicerçada em estudos profundos de geografia, história, etnologia e sociologia e conheceu o hinterland do Brasil. Assistiu ao cerco e tomada de Canudos e perlustrou a região amazônica. Sem o concurso de tais circunstâncias é de crer que a sua monumental obra não fosse tão aguda e penetrante, se não tivesse observado, em toda a sua majestade e rudeza, as condições de vida de nossas populações interioranas.

II — O DESCONHECIMENTO DOS FATORES GEOGRÁFICOS

O homem vive e atua em determinado espaço físico. Daí sofrer tanto a influência do fator mesológico, como do social.

É aqui que começa a grande complexidade dos fatos históricos, pois são inúmeras as causas que determinam a conduta do indivíduo e dos povos.

Mas é incontroverso que a ação atuante do meio físico é uma das maiores, ao lado do tempo em que viveu determinada pessoa.

Exagerado em seu determinismo, Taine condensou em três os fatores que determinam a conduta do indivíduo, na sua famosa trilogia: raça, meio e momento.

Mas tal interpretação ainda é, por demais restrita. Sílvio Romero, por exemplo, mostrou que, ao lado desses três elementos, outros, também, poderiam influir, como seja a personalidade humana. E assinalou que Eça de Queiroz e Pinheiro Chagas, nascidos no mesmo meio, raça e momento, tiveram orientação diversa e pensamentos completamente diferentes.

Mas, apesar dessas justas restrições ao esquematismo das escolas, ressalta que a influência do meio físico é sempre atuante.

No meu livro *História de Viçosa do Ceará* escrevi essas palavras: "É ponto incontroverso que o cenário geográfico influi muito na mentalidade do homem." Hellpach, no seu notável livro *Geopsiche* e G. Hardy, em estudo denominado "La Géographie Psychologique", provam isso em termos científicos. Não se pode deixar de reconhecer a influência do rio Mississipi no espírito do grande escritor e humorista norte-americano Mark Twain, do mar sobre o romancista inglês Conrad e na sensibilidade do grande poeta Vicente de Carvalho. Os sertões

do Brasil atuaram, fortemente, em Euclides da Cunha, Afonso Arinos, Franklin Távora, Bernardo Guimarães e outros. A paisagem interiorana tem exercido grande atração em escritores regionalistas como José Américo de Almeida, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Mário Palmério e tantos outros.

"Entre muitos pontos frisantes, podem ser citados os seguintes: a profundeza de uma garganta nos produz uma desagradável sensação de angústia e a vastidão de um horizonte nos enche de uma alegria inexplicável. Dias de chuva nos causam tristeza e os de sol nos dão contentamento."(2)

O grande e malogrado escritor Vicente Licínio Cardoso proferiu esta memorável opinião: "A Terra é o esqueleto dos organismos sociais, eis a maior e a mais humana descoberta sociológica do século passado, só atingida com sacrifício, depois de afirmações exageradas ou exageros prejudiciais sobre as raças, os climas e os elementos humanos. O. S. FRANCISCO É A COLUNA MAGNA DE NOSSA UNIDADE POLÍTICA, o fundamento basilar que reagiu e venceu todos os imperativos caracterizadamente centrífugos oferecidos pelo litoral. Porque, enquanto os federalistas republicanos da costa norte reagiam aos monarquistas unitários do sul, nos começos do século XIX, aquele caminho interior já havia fixado as migrações, quer do sul, quer do norte, naquelas caravanas anônimas que se repetem ainda hoje nas arrmetidas dos baianos que vão fecundar a riqueza dos cafesais paulistas e nas peregrinações dos romeiros que vão ao Bom Jesus da Lapa, ou, muito mais longe, aos fundões do Ceará por ocasião das romarias."(3)

Quer isso significar que há fatores geográficos, tanto positivos, como negativos, na unidade de um país. Destes positivos, no caso do Brasil, um dos mais importantes é, inequivocamente, o rio S. Francisco.

Ora, em 1935, o panfletário paulista Vanderley publicou um livro que despertou acesas polêmicas e enfureceu os nacionalistas do tempo, intitulado "As Bases do Separatismo". Preconisava que a única solução para os angustiosos problemas do Brasil era a sua divisão em 5 países, de acordo com as regiões: amazônica, nordestina, sul, leste e centro-oste.

Ora, quer na fundação de cidades, mudança de capitais e sede de governos locais, há influências recípricas de múltiplos fatores geográficos. No caso do Brasil, os que propugnavam pela unidade nacional tinham a seu favor a influência dos rios S. Francisco e Tieté, enquanto os representantes do separatismo contavam com outras condicionantes. Mas, se fosse fatal e incoercível a tendência para a separação, como afirmou Vanderley, não poderia haver artifícios de natureza política que

pudessem evitar uma futura desagregação, como aconteceu com o heterogêneo império austro-húngaro no fim da 1.ª Guerra Mundial.

Claro é que a influência para a conservação da unidade nacional não pode ser atribuída, exclusivamente, ao rio S. Francisco. Outros fatores, é evidente, também contribuíram para isso. Licínio Cardoso explica, perfeitamente, o problema, nos seguintes termos: "O S. Francisco não pode explicar, senão indiretamente, nem a conservação do Rio Grande do Sul, nem a do vale do Amazonas, centro de assombro de nossa unidade política. Mas, logo explico.

"O S. Francisco manteve a união do centro sul — Rio, S. Paulo e Minas — e o centro do norte — Bahia, Pernambuco — que eram até o século XIX os grandes núcleos coloniais quasi da nossa civilização incipiente. Isolado do 'todo', sem ligações fáceis, pelo interior ou pelo centro, o extremo sul estava destinado ao desmembramento, só impedido depois da luta rude pelas armas durante vários anos. Divorciado do 'todo', estava ainda, por seu turno, por largo tempo, o vale do Amazonas. Salvou o primeiro o IMPEDIMENTO DA NAVEGAÇÃO ESTRANGEIRA, fechado que esteve o rio ao comércio internacional até a guerra do aPraguai. Salvou-o, mais tarde, a colonização sertaneja dos nordestinos na exploração do caucho."

"Convenhamos que se tivessem sido estrangeiros os 2.000.000 de conquistadores do Acre, teríamos visto nascer o maior perigo internacional encravado no coração brasileiro do continente sul-americano."(4)

No plano internacional, a influência dos fatores geográficos apresenta ainda maior nitidez, do que na evolução histórica do Brasil. A influência do rio Nilo na civilização egípcia, dos rios Tigre e Eufrates entre assírios e babilônios, do lang Tse Kiang na China, do Ganges entre os indus, são fatos que a história assinala desde os tempos mais remotos.

A luta entre Roma e Cartago pela posse da bacia do Mediterrâneo é outro ponto importante. E que foi reavivado, em nossos dias, com a frustada tentativa de Mussolini de fazer reviver o passado, com o domínio do que ele denominou de "mare nostrum".

A Itália e a França sempre disputaram o domínio do mar Mediterrâneo, o que levou Hitler a afirmar que seria impossível uma aliança duradoura entre italianos e franceses; tese que a História confirmou.

A luta multi-secular entre a França e a Alemanha pelo domínio da bacia do Reno tem levado alguns analistas a preconisarem a criação de um "estado-tampão" entre os dois encar-

niçados litigantes. A semelhança do papel que desempenha o Uruguai, entre o Brasil e a Argentina, depois da desastrosa Guerra Cisplatina.

A existência de riquíssimas jazidas de ferro e carvão, em solo inglês, propiciaram a Revolução Industrial, que tantas conseqüências teve sobre o mundo todo. O mesmo ocorre, nos Estados Unidos, em seguida à sangrenta guerra da seccessão entre o norte e o sul da grande república.

Entretanto, não tem faltado quem afirme, ainda hoje, que o progresso da Inglaterra e dos Estados Unidos se deve à religião protestante. O que levou Eduardo Prado, já em seu tempo, a indagar por que o protestantismo não valeu à Holanda, na sua luta contra a Inglaterra, pelo domínio dos mares.

O rio Mississipi é outro fator importante no desenvolvimento dos Estados Unidos. Conta-se que o grande presidente Lincoln estava, certa vez. cercado de mapas, discutindo com engenheiros, problemas de alta relevância, no momento crítico da guerra da seccessão. Em certa ocasião, inclina-se sobre um mapa, e indaga por que o rio Mississipi não fazia o seu percurso em determinada direção. Os engenheiros lhe respondem: "se o Mississipi corresse na direção que o Presidente está apontando não teria ocorrido a guerra..."

A Géo-Política é um ramo da Geografia que estuda as relações entre o Estado e o meio geográfico. A princípio, examinava só formas de governo, potencial militar, raças e populações.

Em fins do século XIX aumentou, consideravelmente, sua importância, refletindo a agitada situação internacional. Mereceu preferências de autores alemães. Explica ou justifica, através de fatores geográficos, os acontecimentos históricos e as relações da política internacional. Seu conceito ainda é incerto, porque, muitas vezes, espelha o ponto de vista de uma potência ou determinada ideologia política.

É a parte da ciência geográfica que tem, por objeto, o Estado, sob o ponto de vista da influência geográfica. Aristóteles e Montesquieu abordaram o assunto, mas, só no fim do século passado, Ratzel faz entrar esse estudo em sua fase científica.

O Estado se forma por 3 elementos, indissoluvelmente, ligados: território, população e governo. Examina-se a população, em seu caráter geográfico, isto é, em relação ao Estado.

Ratzel, em seu livro *Geografia Política*, Dernet Whitleley (A Terra e o Estado, 1944), o italiano Marchi, o espanhol Vicens Vives, o inglês Mackinder e o general alemão Karl HAUSHORER (1919), autor do estudo "Ideais democráticos e realidade" têm

ventilado, através do tempo, diversas teses e opiniões sobre Géo-Política.

Na Alemanha se destacam, nesses estudos, HETTNER, SUPAN, HASSEN, ARTUR DIX, discípulo de Ratzel e outros.

Nos Estados Unidos, o Almirante Mahan, nas últimas décadas do século XIX, ressaltou a influência do poder marítimo e Isaias BOMMAN, em 1928, escreve *O Novo Mundo,* livro de grande importância para a apreensão de alguns problemas políticos e econômicos da atualidade, depois da 1.ª Guerra Mundial.

Os geógrafos franceses mostraram posição reservada quanto à Géo-Política. Camilo VALLOUX foi o 1.º a se manifestar, publicando o livro *La Mer,* em 1903 e *Le Sol et l'Etat* (1911). Com a colaboração de BRUNHES escreve *La Géographie de l'Histoire,* com o subtítulo "Géographie de la Paix et de la Guerre sur terre e sur la Mer". Entre 1940 e 1950, GLOBERT E GOTTMANN fazem trabalhos desapaixonados.

No Brasil, o Prof. Everardo BACKHAUSER ocupa posição de destaque, com o seu livro *A Géo-Política Geral e do Brasil,* bem como o Brigadeiro Lysias Rodrigues, autor do notável estudo *Géo-Política do Brasil,* onde defendeu teses interessantíssimas como a mudança da capital federal para o interior, necessidade de nova divisão territorial e a aquisição da Guiana Francesa para a defesa do rio Amazonas e do litoral do Pará. São, também, notáveis estudiosos do assunto o Marechal Lira Tavares e o General Golbery do Couto e Silva, com o seu estudo "A Géo-Política do Brasil".

O escritor sueco RUDOLF KJELLEN é tido, geralmente, como o maior conhecedor de assuntos de Géo-Política, na atualidade, com o seu célebre livro *O Estado como organismo vivo.*

Quando lecionei Geografia Econômica na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade Federal do Ceará, inclui, no programa, um ponto referente à Géo-Política.

O grande sertanista Afonso Arinos, em 1907, em discurso proferido na Academia Brasileira de Letras, na recepção do Almirante Jaceguai, fez estas notáveis observações: "Lapparent tratando da morfologia terrestre, assegura que o desenvolvimento e civilização de um país são o resultado da proporção entre a extensão da linha da costa e a massa do mesmo país."

'Quanto maior é a linha de costa em relação à massa, maior é a facilidade em desenvolvimento e civilização." Assim, na Grécia, aos 83 quilômetros quadrados de território corres-

ponde 1 quilômetro de costa; no Peloponeso, considerado à parte, a cada 20 quilômetros quadrados de superfície terrestre, corresponde 1 quilômetro de costa, com a proporção sempre crescendo:

	POR QUANTIDADE DE COSTA
Europa	289 quilômetros de território
América do Norte	409 " " "
Austrália	584 " " "
América do Sul	689 " " "
Ásia	783 " " "
África	1.420 " " "
Brasil	1.048 " " "

"De sorte que a África sendo dos continentes o menos favorecido quanto à extensão das costas, proporcionalmente à massa da população, é também o mais atrasado."(5)

Admira e muito que, depois de tantos estudos e apreciações, sobre espaço, posição, fronteiras e zonas de fricção, idade dos Estados, fins políticos e econômicos dos Estados, expansionismo colonial, mares, continentes, fins do Estado e análise da superfície e população dos principais países, ainda se repitam tantos erros e heresias no domínio da História.

Ultimamente, por exemplo, se está tentando divulgar, com teimosa insistência, a absurda tese que foi a Inglaterra quem armou o Brasil e a Argentina para esmagar o Paraguai, no ano de 1864, época, aliás, em que o Brasil estava de relações rompidas com a Inglaterra.

Para pulverizar semelhante balela, basta que se assinalem três fatos fundamentais:

a) — que o Paraguai era um Estado mediterrâneo e que todo o país, em tal situação, procura, desesperadamente, uma saída para o mar, para poder se desenvolver;

b) — que foi Solano López o provocador direto da guerra, invadindo, brutalmente, mato Grosso, Rio Grande do Sul e a província argentina de Corrientes;

c) — que, em meiados do século passado, era impossível, absolutamente, impossível, o Paraguai ameaçar o colosso britânico, quando os produtos principais de sua economia eram herva-mate, madeiras e tabaco.

Creio que isso basta para liquidar todo o lopismo nascido ou por nascer...

III — INFLUÊNCIA ABUSIVA DAS PAIXÕES E DESPREPARO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA

Fredérico Taylor, o eminente tratadista da Ciência da Administração, se merece muitas reservas, no desenvolvimento de suas idéias, todavia, é tido como autor clássico dessa disciplina do pensamento humano. Certa vez afirmou que 3 qualidades eram necessárias para se aprender conhecimento de Administração. A 1.ª era paciência, a 2.ª, paciência e a 3.ª... mais paciência.

Como se vê, pensamento tão profundo é uma variante do célebre aforismo de Buffon: o gênio é uma longa paciência.

Pode-se parodiar o eminente autor, dizendo-se o mesmo dos conhecimentos históricos.

Só mesmo muito estudo, muita pesquisa e muita canseira é que podem permitir o conhecimento de assuntos históricos, em grau mais ou menos razoável.

Lamentavelmente, muitos que se abalançam a escrever sobre História não estão preparados para tão espinhoso mister. Ou se deixam dominar pelas paixões, em geral, de natureza política, que deturpam tudo. E que fazem muitos dizer que a História não tem base científica e que vive a oscilar entre paixões e preconceitos de cada um, como já se assinalou neste estudo.

Sílvio Romero analisando a personalidade do historiador Pereira da Silva observou o seguinte: "Escreveu, como Vernhagen, algumas poesias, romances, artigos políticos, biografias e, sobretudo, livros de história. Mas, pode-se dizer, que foi a antitese de seu digno émulo."

"Ao passo que o autor da *História Geral do Brasil* nada avançava sem o exame escrupuloso dos documentos autênticos, das crônicas coevas e de quanta fonte segura pudesse investigar, o autor da *História da Fundação do Império Brasileiro* não se entregava a esse indispensável preparo inicial, limitava-se a parcas leituras de livros mais ou menos modernos, de jornais, de revistas, de relatórios, de notícias de fácil acesso e de narrativas orais, mais ou menos suspeitas."

"Era, em geral, um mero improvisador".(6)

Ora, história não se improvisa. Tem-se que proceder à muitas investigações para podermos assentar pontos de vista mais ou menos sólidos. E nunca se pensar que já se dominou o assunto, que não se precisa estudar mais nada, que já sabemos o suficiente.

Um dos escolhos que convém se evitar, até onde for possível, é que os nossos preconceitos, idéias pré-concebidas e paixões influem em nossos julgamentos e apreciações.

Para isso, convém só utilizarmos, com muita parcimônia, do método indutivo. E, somente, depois, de analisar bem os fatos é que nos aventuremos a tirar conclusões.

A influência abusiva das paixões pode, muitas vezes, transviar, até mesmo, o pensamento de escritores de peso. Um exemplo: Araripe Júnior ao se referir à Corte de D. João VI, no Brasil, comparou-a a um bando de porcos fuçando na lama...

Embora se reconheça nessa infeliz passagem que a influência do complexo familiar foi grande, pois parentes seus muito sofreram na revolução de 1817, embora nenhum deles tivesse padecido pena de morte, é de lamentar que tenha escapado de sua pena, expressão de tão mau gosto e indigna do seu elevado espírito de crítico renomado.

Cumpre, pois, evitarmos, na medida do possível, a influência abusiva das paixões, que, nas lutas e refregas políticas, chegam sempre ou quase sempre a excessos lamentáveis...

Foi por isso que Braz Florentino Henriques de Sousa, notável tratadista, autor do célebre livro *Do Poder Moderador*, que o consagra como profundo pensador político, tenha dito o seguinte: "Os homens amam desesperadamente o poder, a influência e a glória, e a todo custo querem possuir ou manter-se na posse desses brilhantes ouropeis políticos."(7)

As lutas políticas que, no presente momento, revolvem todo o Brasil, parecem-me ter explicação nesse pensamento de Braz Florentino, na espinhosa questão de chefias e lideranças. Pode-se aplicar tal sentença ao mundo político de todo o planeta, qualquer que seja o ismo que o revista. Assinale-se, entre muitos fatos, a feroz luta estabelecida entre Stalin e Trotzky e que tão mal acabou para o último...

Nosso eminente amigo e saudoso confrade Parsifal Barroso certa vez me observou: "O homem é tão vaidoso de mando como a mulher de ser bonita."

Outro erro grave em estudos de História ou de crítica, é empregar palavras a esmo, e como assinalou, agudamente, Euclides da Cunha, sem sentido ou capazes de ter todos os sentidos...

Hoje, a expressão elitista está tomando um significado tão pejorativo, que faz até medo. Lembra a insidiosa denominação de fascista, aplicada, a granel, durante os dias tormentosos da 2.ª Guerra Mundial. E que representavam verdadeiro perigo, e perigo de vida, para todos os que recebessem semelhante designação.

Outro dia, vi um crítico proclamar, enfaticamente, que, em Fortaleza, havia uma aristocracia. Cousa que nunca houve nesta boa cidade e nem em nenhuma outra do Brasil ou da América, desde a descoberta até aos nossos dias...

Recentemente, se disse que os jagunços de Antônio Conselheiro queriam pão, terra e liberdade. Por um pouco mais não vai custar se apresentar o taumaturgo de Canudos como discípulo de Karl Marx, promovendo uma rebelião de massas contra a burguesia espoliadora.

Se eu fosse assinalar erros e desacertos proferidos contra a lógica, o bom senso e a verdade histórica, nunca mais terminaria essa palestra...

É indispensável, quer quando elogiemos, ou quer quando criticamos, fazer citações a respeito. Isso é uma deferência ao próprio autor que se estuda, além de permitir aos leitores, um melhor julgamento. Sempre que posso faço citações, ou baseio meus pontos de vista, bons ou maus, em fatos concretos.

Mas, afirmar tudo o que logre passar pela nossa mente, sem apresentar nenhuma prova, eis o que reputo um processo, sumamente, desonesto.

Precisamos ter o máximo cuidado com as paixões, principalmente, se se levar em conta o gênio pessimista do brasileiro. Paulo Barreto, o grande jornalista e escritor, que usava o pseudônimo de João do Rio, falecido, em 1921, escreveu estas notáveis observações e que apresentam, ainda hoje, marcante atualidade: "O cidadão protesta, o cidadão nega, o cidadão é contra. Sempre, infalivelmente. Podemos de raro em raro vê-lo ao lado de alguém. Está assim, não a favor de alguém, mas contra o inimigo de alguém. Desta arte, o cidadão vê todas as coisas com amargura, descobre más intenções em cada cérebro, julga os homens com a lei do insulto. Os governos são compostos de ladrões; desde que um cavalheiro se destaca, para o cidadão tem vícios e crimes; os atos mais simples transformam-se em batotas, negociatas, bandalheiras.

— Cidadão, que belo gesto do grande Fulano querendo o Brasil patriota.
— Para cá vem de carrinho. Fulano comeu!
— Comeu o quê?
— Está sendo pago! Uma corja. É o meu dinheiro que queimam.
— Cidadão. Sicrano publicou um belo livro.
— É um canalha. Há de certo comilança.
— Ainda agora cidadão, o 'leader'...
— Pulha! Pulha!"

"A sua cólera, às vezes gargalhante, às vezes furibunda, arrasa sem distinção. Para que esteja ao lado de alguém, é preciso que esse alguém seja uma pedra contra os outros. Nas letras, no comércio, nas artes, no magistério, na diplomacia, nas indústrias. Onde, entretanto, a resoura é sem piedade é na política... Mal uma cabeça se levanta, o cidadão arruma-lhe no alto do crânio a primeira bordoada. Descobri que alguns nem eram conhecidos do cidadão, e já o cidadão os esbordoava, os enlameava.

— Mas cidadão.

— Canalha! subiu... Boa cousa não fez."(8)

Outra cousa que não deve desanimar os que se dedicam ao estudo da História são críticas injustas e apaixonadas. E a censura irrogada contra a versatilidade de opiniões, como se tal versatilidade não fosse moeda corrente em todos os ramos do pensamento humano.

Exemplifiquemos.

Erasmo de Roterdam já observava: "Basta, com efeito refletir sobre as estranhas diversidades dos sistemas (de filosofia) para se dever confessar que eles não têm nenhuma idéia segura, pois que, enquanto se gabam de saber tudo, não entram em acordo em nada. Os filósofos nem ao menos se conhecem, porquanto, ao tentar elevarem-se às mais sublimes especulações, caem num buraco com que não contavam e quebram a cabeça entre uma pedra."(9)

Outro grande escritor, mais recente que Erasmo, Euclides da Cunha, no prefácio do célebre livro de Vicente de Carvalho, *Poemas e Canções*, assinalava com rara precisão: "Aos que se surpreenderem de ver a prosa antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profusão de números e diagramas. É ilusório o rigorismo matemático imposto pelo critério vulgar às formas irredutíveis da verdade. Basta atender-se em que o objetivo de umas certas teorias está no descobrir uma simplicidade, que não existe na natureza; e que desta nos abeiramos sempre indecisos, já tateantes, por meio de aproximações sucessivas, já precipitadamente, fascinados pela miragem das hipóteses. A própria unidade das nossas mais abstratas construções é enganadora. Nos últimos trinta anos — nesta matemática tão, ao parecer definitiva — apareceram não sei quantas álgebras, através de complicados simbolismos; e o número de geometrias elementares, como nolo mostra H. Poincaré, é hoje, logicamente, incalculável. Ainda mais: na mesma geometria clássica sabe-se como se definem pontos, retas e planos, que não existem ou se re-

duzem a conceitos pré-estabelecidos, sobre que se formulam postulados arbitrários. Continuando: vemos a mecânica basear-se, paradoxalmente, no princípio da inércia universal, e instituir a noção idealista do espaço absoluto, em contradição com tudo quanto vemos e sentimos."

"Dest'arte se constrói uma natureza ideal sobre a natureza tangível. Ilude-se a nossa incompetência para abranger a simultaneidade do que aparece, por meio de processos vários nos nomes pretenciosos, mas de essência perfeitamente artísticos, porque consistem em exagerar os caracteres dominantes dos fatos, de modo a facultar-nos uma síntese, mostrando mais ou menos como eles são do que como deveriam ser. Assim nós vamos — idealisando, conjecturando, defeneando. Na astronomia resumem-se as leis conhecidas menos imperfeitas; no entanto, à medida que ela encadeia os mundos, vai libertando a imaginação. Os mais duros experimentadores sonham neste momento aos clarões indecisos das nebulosas, vendo abrigar-se em cada estrela incandescente um vasto laboratório onde trabalham os químicos da terra descobrindo surpreendentes aspectos da matéria... Prosseguimos, idealisando flagrantemente a física, com a estrutura subjetiva de sólidos perfeitos e sistemas isolados, e até simplesmente inextensíveis, de todo em todo inexistentes; e romanceando a química definida pelo simbolismo imaginoso da arquitetura atômica de seus corpos simples, irreais."(10)

E, para não irmos mais longe, cite-se apenas um fato de nossos dias. Quantas polêmicas, discussões, controversias, não vem suscitando o Plano Cruzado do Presidente José Sarney? E, entretanto, ainda hoje, se clama contra a insegurança dos estudos de História, como se esta fosse a única ciência que provocasse dúvidas no espírito humano.

Continuemos, pois, a trabalhar, procurando sempre nos servir de mutia imparcialidade, convenhamos, muito difícil de se atingir. Mas tentemos sempre seguir a lição de André Maurois, que, no seu magistral livro *A Tragédia da França*, mostrou todos os erros, falhas equívocos que levaram a grande nação à vergonhosa capitulação perante Hitler, no ano de 1940. E, para não esquecermos nossa terra, lembremos, também, o estudo de Barbosa Lima Sobrinho, *A Verdade sobre a Revolução de Outubro*. Colocado entre apologistas e detratores da chamada Pátria Velha, soube ele conservar uma linha de equidistância e equilíbrio admiráveis, o que não evitou que essa publicação fosse proibida e confiscada pela polícia...

José Maria Belo, autor de a *História da República*, é outro exemplo a seguir. Presidente eleito de Pernambuco, foi impe-

dido de tomar posse do governo pela revolução de 3 de outubro de 1930. Entretanto, lendo-se o citado trabalho, que abrange toda a vida política do Brasil, desde 1889 até o suicídio do Presidente Getúlio Vargas, em 1954, não é possível se vislumbrar, em parte alguma, que o eminente historiador tivesse militado na agitada política de Pernambuco, no período final da Velha República e sido presidente eleito daquele Estado.

Vivemos em uma época difícil, crítica mesmo, sob inúmeros pontos de vista, atingindo, de cheio, intelectuais, artistas e escritores Tudo hoje parece impedir ou dificultar tarefas espirituais de grande envergadura. Mas não desanimemos. As modas e loucuras passam. Mas, quaisquer que sejam os obstáculos que o futuro nos apresente, a beleza, a cultura e o ideal não hão de desaparecer. Principalmente, esse ideal que nos une e com rega na defesa suprema dos interesses do Ceará e do Brasil!

ÍNDICE DE CITAÇÕES

(1) — De Roterdam, Erasmo — *O Elogio da Loucura,* Atena Editora, S. Paulo, 4.ª edição, Biblioteca Clássica, S. Paulo, 1945, Tradução de Aristides Lobo, p. 16.

(2) — BARROS, Luiz — *História de Viçosa do Ceará,* Fortaleza, 1980. Publicação da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará. Editora e Gráfica Lourenço Filho Limitada, p. 268.

(3) — CARDOSO, Vicente Licínio — *À Margem da História do Brasil.* Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1938, pp. 81 e 82.

(4) — Idem, idem, p. 61.

(5) — ARINOS, Afonso — "Discurso de recepção ao Almirante Jaceguai, pronunciado em 09-11-1907, na Academia Brasileira de Letras". *Revista da Academia Brasileira de Letras.* Discursos Acadêmicos (1907-1913). Volume II, 1935. Coleção Brasileira S.A., Rio de Janeiro pp. 25 e 26.

(6) — ROMERO, Sílvio — *História da Literatura Brasileira.* Tomo V, Manifestações de Prosa. Reações Anti-Românticas na Poesia. 6.ª edição. Organização e Prefácio de Nelson Romero. Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1960, p. 1.563.

(7) — HENRIQUES DE SOUSA, Braz Florentino — *Do Poder Moderador.* Recife, Tipografia Universal, 1864, p. 204.

(8) — BARRETO — Paulo (João do Rio) in *Literatura Brasileira.* Coleção de Livros Clássicos F.T.D. Condições Literárias, Vultos Literários, Correntes Literárias. Livraria Francisco Alves. Paulo de Azevedo e Cia., Rio de Janeiro, 1913, p. 513.

(9) — ROTERDAM, Erasmo de — Obra citada, pp. 113 e 114.

(10) — DA CUNHA, Euclides — Antes dos Versos. Prefácio ao livro *Poemas e Canções,* de Vicente de Carvalho, 1909, pp. XIII e XIV.